

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Maria Muniz Loureiro

**O ESTUDO DA IDENTIDADE BRASILEIRA A PARTIR DA COMPARAÇÃO CONCEITUAL DE
CULTURA E SOCIEDADE**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Ms. Joacir Teixeira de Melo.

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Maria Muniz Loureiro**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201472181A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O ESTUDO DA IDENTIDADE BRASILEIRA A PARTIR DA COMPARAÇÃO CONCEITUAL DE CULTURA E SOCIEDADE**, desenvolvido durante o período de Março de 2017 a Julho de 2017 sob a orientação de Joacir Teixeira de Melo, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Maria Muniz Loureiro

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

O ESTUDO DA IDENTIDADE BRASILEIRA A PARTIR DA COMPARAÇÃO CONCEITUAL DE CULTURA E SOCIEDADE

Maria Muniz Loureiro¹

RESUMO

O trabalho apresenta a visão estruturalista de formação da identidade brasileira, perpassando pela crítica do brasileiro como *vira-lata moderno*. Com o desenvolvimento a partir do ponto de vista conceitual de autores como Roberto DaMatta e Jessé de Souza é possível levantar a discussão sobre o que são de fato tais características tipicamente brasileiras. Criando comparações entre os autores e atribuindo outras contribuições ao texto é possível encontrar argumentos que podem ser juntamente utilizados para a compreensão de movimentos internos e externos com relação ao Brasil. Juntamente com a visão antropológica e literária de autores a partir do século XIX, é possível reaver as antigas noções afim de formar uma nova concepção da formação brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade brasileira. Vira-lata moderno. Tradições brasileiras. Roberto DaMatta. Jessé de Souza.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o intuito de traçar uma identidade da cultura brasileira, traçando características presentes no Estado, na constituição do país em sua história, as tradições e suas memórias, as relações raciais a partir de uma análise dos textos “O que faz o Brasil, Brasil?” de Roberto DaMatta (1986), e fazendo seu contraponto o livro de Jessé Souza “A modernização seletiva” (2000), abordando também perspectivas conceituais de outros autores que serão utilizados como artifício para entender a singularidade da cultura ocidental e seus reflexos na estruturação da identidade brasileira. Sendo assim, com o objetivo de traçar tais pontos iguais e seus caminhos de interseção, este estudo serve como ponto de partida a partir da obra de DaMatta, possibilitando também a análise de pontos contrários para que o estudo tenha seu objetivo alcançado ao menos em escala de entendimento dos vastos pontos de vista a serem analisados.

Roberto DaMatta, formado em História pela Universidade Federal Fluminense e especializado em Antropologia Social pela Universidade do Rio de Janeiro, é professor na PUC-RIO e contribui para estudos sobre a identidade brasileira a partir da historicidade, e nesse livro específico “O que faz do Brasil, Brasil?” representa a ideia da identidade brasileira a partir de suas tradições e crenças. E fazendo inserções mais conceituais, Jessé Souza formado pela Universidade de Brasília em direito e mestre em sociologia, professor e pesquisador, faz o contraponto do que pode-se dizer sobre a formação de tal identidade, traçando uma linha teórica que vai desde Gilberto Freyre passando por Sergio Buarque de Holanda até chegar em DaMatta. A contribuição de ambos para o entendimento é crucial quando se tem como objetivo investigar as origens dos fatores sociais que são aparentes até nos dias atuais.

De acordo com os sistemas simbólicos que Turner utiliza como os da linguagem, tecnologia, valores e crenças que englobam, no caso a realidade brasileira, pode-se aplicar as teorias propostas por tal autor, na utilização dos sistemas normativos e nas variações culturais. Turner destaca o conflito cultural que cabe aqui como um ponto de interseção entre as obras pois muitas vezes a sobreposição de tradições e costumes próprios dentro da sociedade pode causar um desconforto e segregação social e intelectual, algumas vezes tendo tais pontos como objetivos já programados. Sabendo que o que transforma o indivíduo em povo brasileiro se dá a partir da observação do outro. Provocando assim dúvidas e definindo caminhos a seguir, pode-se dizer que apesar da partilha uma grande parte de uma convenção social de tradições e costumes ainda é possível perceber as individualidades, são elas tanto pessoais quanto compartilhadas por um ou vários nichos diferentes, e tais diferenças imersas em uma gama enorme de igualdades que faz com que se chegue a uma identidade brasileira.

As tradições que fazem parte do *ser brasileiro*, podem ser levadas a pontos de invenção como sugere Hobsbawm (2012), formando redes e convenções que reiteram e perpetuam tais práticas. As tradições fazem

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: mm.loureiro00@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Ms. Joacir Teixeira de Melo.

parte de um vasto aglomerado de informações culturais pertinentes a identidade de uma nação e por esse motivo devem ser utilizadas com o intuito de valorar as relações sociais como sugere Meneses (1996), que acredita que os valores e símbolos sociais se confinam no íntimo da consciência, trazendo à tona a importância da determinação de tais atos e da colocação das mesmas nos domínios das necessidades sociais. Estão presentes as referências culturais na economia, na política, na religião, entre tantas expressões do individual para o corpo social, o objetivo do trabalho torna-se reconhecer tais parâmetros para que de algum modo possa se tornar mais fácil a navegação e interação entre as diversidades culturais.

2. DA IDENTIDADE BRASILEIRA

O destaque dessa obra já é dado a partir do título que têm um significado substancial para a compreensão do mesmo, o “brasil” aparentemente escrito de forma errada com o “b” minúsculo tem significado relacionado a algo sem vida que não pode ser reproduzido, e já o segundo “Brasil” com o “B” maiúsculo, destaca um povo que possui um conjunto de valores. Com a ideia de definir um Brasil país, cultura, local geográfico, fronteira e território, assim como bem descrito pelo autor, casa, pedaço de chão, lar e memória, DaMatta (1986) utiliza a ideia de tempo e temporalidade para individualizar o espaço e também os julgamentos que ganham características próprias ao serem compartilhadas, devido as suas características, desenvolvendo assim sem obrigações com o presente, passado ou futuro, sua própria história.

A obra de DaMatta (1986) tem como intuito elaborar uma visão aberta e modificada de sociedade analisando alguns aspectos, que fazem do brasil, Brasil, e tendo a certeza de tais características são amadas pelo povo bem como uma divindade. É de extrema importância para a obra a questão da identidade do povo, da suas emoções, das casas e até mesmo da malandragem pontual. Tais aspectos atuam como engrenagem para entender a dinâmica de reconhecimento de uma identidade do povo junto a abordagem dos diferentes “brasis” somado a explicação de sua leitura da conjuntura a partir da junção desses dois conceitos, determina um espaço para a cultura e os costumes de toda a sociedade brasileira.

A grande questão levantada na obra de DaMatta (1986), é de como ligar esses dois “brasis” que de um modo estrutural são diferentes mas ao estarem inseridos na sociedade tornam-se algo presente no cotidiano de todo brasileiro de forma até mesmo coercitiva. O autor ainda define sua proposta dizendo que o intuito é descobrir como é que cada “Brasil” depende um do outro e como os dois formam o que chamamos de pátria. Para tanto é importante definir a identidade do povo brasileiro e sendo assim o autor toma a frente para a definição dos “brasis” tendo em vista esse contexto, são eles, o primeiro Brasil é dado nas possibilidades humanas e o segundo é a combinação das possibilidades universais. Tais relações descritas definem o ponto de partida do texto que são os estilos e suas definições.

Tanto os homens quanto as sociedades se definem a partir dos estilos e são desenvolvidos a partir da necessidade de tanto um quanto o outro serem atualizados de acordo com a condição humana e a partir dessas diferenças individuais que vão se desenvolvendo que podemos identificar o particular e próprio para o geral e universal, para encontrar então o ponto de interseção entre eles. Como consequência surgem questionamentos sobre quem somos, como e porquês definindo bem as questões de identidade que surgem e vão deixando evidente a diferença que o autor descreve, entre o ser humano que nasce e o ser humano que é. É assim de fato resultado do conhecimento próprio através do outro e suas experiências que se embasa o texto, descrevendo a tentativa do indivíduo saber quem ele é e como com suas características o mesmo se define de maneira universal como povo, e assim como o autor questiona: “Como um povo se transforma em Brasil?” (DaMatta, 1986)

Através da cultura como uma engrenagem fundamental para obtenção de uma identidade social ou individual, suas influências determinam diretamente o estilo, o modo e o jeito de se fazerem as coisas. É o que faz um brasileiro, a sua disponibilidade de ser reprodutor das formulas que a própria sociedade dá através dos estímulos que o indivíduo sofre todos os dias na interação com o meio. O autor descreve no texto características que demonstram o supracitado de forma que o interlocutor entenda seu conceito:

Sei então que sou brasileiro e não norte-americano, porque gosto de comer feijoada e não hambúrguer; porque sou menos receptivo a coisas de outros países, sobretudo costumes e ideias; porque tenho um agudo sentido de ridículo para roupas, gestos e relações sociais; porque vivo no Rio de Janeiro e não em Nova York; porque falo português e não inglês; [...] porque sou leal a meus amigos e nada posso negar a minha família; porque, finalmente, sei que tenho relações que não me deixam caminhar sozinho neste mundo, como fazem meus

amigos americanos, que sempre se veem e existem como indivíduos! (DAMATTA, 1984, p.16)

As características mesmo que inventadas representam o povo brasileiro de maneira geral e por isso o autor destaca a carga cultural que é característica de cada povo tendo usado assim tal fórmula fornecida pela sociedade como mencionado acima. Sendo assim, segundo o autor, existem dois modos de fazer o Brasil, Brasil, a partir de uma construção da identidade brasileira, são eles: O primeiro se caracteriza por dados precisos como estatísticas, PIB, taxas educacionais e políticas e os números da renda *per capita* e a inflação. Tais dados constituem uma identidade social moderna que foi estabelecido pelo ocidente europeu após a Revolução Francesa, povos que deram início a esse mecanismo quantitativo e que se enquadram a ele perfeitamente, diferentemente do Brasil. O Brasil por sua vez, além é claro de obter parâmetros baseados nesse primeiro tipo, ainda conta com uma identidade dupla, que é basicamente contando com dados qualitativos e não só os quantitativos, que segundo DaMatta (1986), são dados sensíveis onde é possível ver um indivíduo/povo que vale realmente a pena.

É importante ressaltar a atenção dada no texto para essa conceituação dupla da identidade brasileira, contando que essa seja a chave para entendê-la. As duas classificações devem ser dadas de forma simultânea, afim que haja uma interpretação de um lado moderna e eletrônica e do outro antiga e trabalhada por anos.

2.1. TRADIÇÃO, HONRA E VERGONHA

O mundo da casa e do trabalho contribuem diretamente para a formação da identidade cultural brasileira, em casa é possível se ter bem definidos os limites e fronteiras com pessoas que constituem uma relação sanguínea e afetuosa, possibilitando como consequência as mesmas tendências e onde são compartilhadas tradições em um lugar que não é tratado como físico e sim um lugar moral, que referencia todos os integrantes da família, experimentando a primeira concepção de sociedade em uma menor escala onde “honra”, “vergonha” e “respeito” são os valores determinados que formam a identidade do grupo. O espaço da rua, descrito pelo autor, é caracterizado pela ideia de luta e batalha, em casa a ideia de se relacionar com pessoas agora é diferente na rua, onde são transformadas em gente, referindo-se ao povo/massa. A rua é local perigoso, onde não pode-se encontrar consideração, amor, respeito ou amizade, o sentimento é de insegurança, diferentemente do vivido em casa onde acontece um ritual cada vez que um filho sai desse ambiente, imbuído somente de preservar os mais próximos da “dura realidade da vida” como destaca o autor.

O desgaste descrito ao estar em um ambiente onde ao mesmo tempo devem-se controlar os anseios de libertação do próprio ser e proteger-se dos perigos da “realidade”, é fundamental para a realização do trabalho que deve ser desenvolvido em sua maioria fora de casa, obrigando assim quem necessita dessa “labuta” passar pela rua para que desenvolva sua força de trabalho caracterizada aqui como uma tortura. Assim como em casa, principalmente os mais velhos e homens, reproduzem um discurso conservador. O trabalho também o faz, apesar de não ser um indivíduo, através da sociedade é disseminado a ideia de algo bíblico apesar do trabalhador não ser glorificado por isso, fato este que provavelmente ocorre em função da dificuldade de se ver a “rua” e o “trabalho” como local apropriado para honestamente enriquecer ou ganhar dignidade, por isso DaMatta (1986) define que a mediação entre esses espaços é muito complexa. A “casa” e a “rua” segundo o autor são lugares onde são divididas as sociabilidades e suas mediações, ou seja, são os lugares onde ocorrem julgamentos e classificações, de modo a compensar-se um ao outro.

A partir das afirmações sobre a obra, pode-se encontrar na literatura vertentes que contrapõem tais concepções do estruturalismo damattiano e dos dualismos presentes em suas afirmações. Como principal representante crítico porém conhecedor da real contribuição do autor em questão para os estudos sociais, está Souza (2000) que em sua obra “A modernização seletiva”, onde dedica um capítulo para refutar o autor em questão. Uma das questões levantadas por Souza (2000), é o que é feito da articulação que DaMatta (1986) propõe quando sugere dualismos, que cabem aqui como representação de casa e rua, questionando então como ela se explica e se constitui. Torna-se uma problemática ao explicar os “espaços” antagônicos pois para Souza (2000) deveria haver escolha ao indivíduo moderno, e como recebe influência, descrita por Weber, pelas instituições impessoais do capitalismo moderno que seguido pela competição e pelo Estado burocrático alteram a concepção de tempo e espaço, afetando assim de maneira coercitiva o indivíduo, tanto na vida econômica quanto na afetiva. Ainda defende que o Estado por obter ferramenta transformadora na vida individual, se utiliza disto para dominação do indivíduo afim de centralizar o poder e obter um controle interno. Sendo assim, tais ideias de normas e regras sociais implícitas que hierarquizam a sociedade, ao contrário de DaMatta que acredita que os indivíduos e classes dominantes são sujeitos intencionais desse processo, enquanto para Souza (2000)

estes servem no máximo de suporte para tanto.

2.2. DAS RELAÇÕES RACIAIS

Ao utilizar uma frase de Antonil se referindo as diferentes noções raciais brasileiras, DaMatta (1986) discorre sobre a interpretação exterior ao Brasil que é feita acerca disso. Ao citar autores como o Conde de Gobineau, que se refere a projeção que é feita a partir da imagem de miscigenação brasileira, onde o mesmo condena os passos dados pelo Brasil nesse quesito até então, DaMatta (1986) visa revogar o preconceito acerca de um contrato social especificamente brasileiro da continuidade a crítica ao Conde. Em um contexto do século XIX, Gobineau declarou em sua obra intitulada *A Diversidade Moral e Intelectual das Raças*, publicada em 1856, que em menos de 200 anos o Brasil acabaria com o seu povo, isso se dá devido a crença de que a mistura das raças era insana, segundo ele. DaMatta (1986) destaca, são os racimos “à francesa” nesse caso, “à americana” que ele exemplifica de acordo a formação das leis dos EUA e até mesmo de acordo com a colonização protestante do país, exemplos que levam a um objetivo claro do autor, encontrar o racismo “à brasileira”, responsável pelo importante papel na formação da identidade brasileira.

Com ideia de não ser determinante em nomenclaturas, o autor dá sequência ao texto dizendo que no Brasil não há como ser dualista em uma ideia de preto e branco. E nesse ponto se dá a relação racial brasileira, onde o que se passa por intermediário são várias categorias representadas pelo mulato que acertadamente foi posto nessa “separação” das raças em um lugar de paraíso, assim como mostra Antonil a partir de sua simplória frase no século XVIII: “O Brasil é um inferno para os negros, um purgatório para os brancos e um paraíso para os mulatos.”

Na prática o Brasil é um país extremamente hierarquizado e tal pode ser representado na divisão das classes onde as raças predominam, onde moram, os cargos de trabalho que ocupam e finalmente na quantidade de dinheiro que tem. Cada qual seja negro, índio ou branco conhece o seu lugar ou onde o branco rico é superior e o negro pobre inferior, negando assim o passado social e histórico que faz parte da formação do país, aceitando apenas características biológicas como critério de definição. A ideia que se usa de um triângulo de raças é mais aceita por ser algo mais agradável de aceitar do que as ideias preconceituosas dos colonizadores portugueses que muito antes de chegarem ao Brasil já disseminavam essas ideias excludentes e definições de raça superior. DaMatta (1986) diz que é possível uma democracia racial no Brasil, sendo assim, o passo para que isso ocorra deveria ser a igualdade jurídica, permitindo a todos os brasileiros condições iguais. A imagem distorcida da real estruturação brasileira que leva ao racismo, além de ludibriar a sociedade fazendo com que ela acredite no mito das três raças por assim dizer, trata as injustiças de alguma maneira tolerável e as diferenças como uma questão de tempo e amor, formando assim o racismo “à brasileira”.

2.3. COMIDAS E MULHERES

A associação que se faz com a comida está no dia-a-dia do brasileiro e a carga simbólica que ela carrega remete ao natural e selvagem assim como a volta às origens ou a casa. Dentre tantas coisas, a diferenciação de comida para alimento é descrita no texto, a primeira como algo a ser utilizado como um ritual e partilhado com os mais próximos e o segundo somente como algo que mantém o indivíduo vivo pela simples necessidade de alimentar-se, sendo uma o quadro e outro a moldura. A comida no caso brasileiro tem propriedades de junção de elementos que supostamente não estariam juntos, promovendo assim, como em um arroz com feijão, a mistura que conseqüentemente transforma-se em algo essencial e cheio de identidade. A comida também serve como um instrumento de projeção da civilização, por exemplo, quando é utilizada a frase: “o *apressado come cru*”, supondo o ato de ténue distanciamento da civilidade de determinado sujeito, tido como “selvagem”, entende-se que o mesmo não espera o devido preparo de seu alimento e por isso o ingere cru, exatamente como sugere Lévi-Strauss em sua obra “O cru e o cozido”. Esse exemplo é aplicado no texto para ilustrar como são utilizadas expressões que envolvem comida e que são usadas como analogia para a vida cotidiana em sociedade.

Indo além ainda nas possibilidades simbólicas que a comida pode produzir, está a mulher e a maneira em que é posta na sociedade brasileira segundo DaMatta (1986). Essa relação dialética onde há a “mulher de casa” que pode ser “comida” após se transformar noiva e esposa e a “mulher da rua” que segundo o livro é “comida” de todos, descrevendo assim a relação e visão dos homens sobre as mulheres, lidando ainda com a moral que envolve tais situações, sendo determinante que além de tudo a comida ainda associa-se a

sexualidade. Tais afirmações são feitas em um contexto conceitual e geral, ou seja, podem haver exceções mas em relação ao pensamento social brasileiro, o homem lidera o mundo da rua e é denominado o “comedor” enquanto a mulher é a dona do mundo da casa e a “comida”.

Tais representações também podem ser expressas a partir de uma carga histórica forte em que o brasileiro é aproximado da sua condição natural, Souza (2000) fala sobre isso com relação ao paralelo que é feito do Brasil com outros países desenvolvidos e que tem formações culturais diversas, ou seja, a relação com a comida em sua forma mais natural e animaléscia é atribuída ao cerne da identidade brasileira a partir de contribuições desenvolvidas seguintes ao século XIX.

2.4. O CARNAVAL E AS FESTAS DE ORDEM

A história que se compartilha em sociedade chamada também de memória social, e mais conhecida como as tradições e a própria cultura, permite que perpetuem-se todos os tesouros e cicatrizes que adquirimos durante a vida. Tal dialética identificada na vivência das memórias pode ser tanto lembrada como maravilhosa, formidável e poética, como trágica, dolorosa e ruim. Essas construções são evidentes a partir das recordações e saudades que são adquiridas durante a vida, logo a desconstrução, é a capacidade que tem-se em desfazer-se de tais lembranças. Tais lembranças são produzidas no dia-a-dia, ou seja, fazem parte da rotina de qualquer cidadão brasileiro, possibilitando assim de acordo com a conjuntura, associa-las ao trabalho e como consequência a serviços considerados de algum modo torturantes porém inevitáveis.

Sendo assim ao encarar uma fuga do inevitável, encontramos os festejos e sobretudo o carnaval. O carnaval é representado pela maior manifestação de expressão brasileira, lugar que não é físico, onde se pode exprimir-se e atualizar-se tendo como consequência a expressão da alma e do coração, possibilitando até uma mobilidade social inesperada. Ao definir o *extra-ordinário* em relação ao trabalho, o autor coloca o carnaval em papel de modificador de momentos e construtor de memória, como algo que se espera tendo sido planejado e não se pode resistir. Aguardado como um momento de, ao mesmo tempo fuga do cotidiano, como do *extra-ordinário* que não se planeja e que é acidental, o carnaval é uma festa que não permite tristeza, ele é liberdade, sensualidade e a quebra da sociedade hierarquizada, fazendo com que todos sejam vistos de forma planejada, tornando todos iguais. A partir da justa intenção de definir mais algumas peças do quebra-cabeças da identidade social, o autor questiona então, o porquê da necessidade de ocupar-se outros lugares na sociedade e a permissão de felicidade em momentos pontuais como o carnaval, se não, para dizer justamente o oposto da difícil rotina.

As festas de ordem são os ritos cívicos e religiosos que possuem intuitos basicamente parecidos com o carnaval, porém com propostas diferentes. Como contraste a comparação feita anteriormente, as festas de ordem não tem o intuito de diminuir ou acabar com as diferenças, seu objetivo é de celebrar a própria ordem social, ou seja, exaltar seus poderes e hierarquias. Tais festas celebram como destaca DaMatta (1986) a relação do Estado ou da Igreja com o povo, pois tem o objetivo de inclui-lo ao seu ritual, que além de elevar o espírito mantém o indivíduo em posição honrosa ao fazer parte de um movimento que tem o poder de transformar até mesmo um espaço físico em um local sagrado, fora da centralidade da instituição.

Diferentemente do carnaval é importante nas festas da ordem que o processo seja claro de contenção corporal, verbal e gestual, uma vez que dispensam uma motivação para tanto e não seria possível controlar o grau de dedicação de cada indivíduo, fazendo assim da celebração algo mecânico. Por tais motivos a necessidade da ordem, do dever e da devoção devem estar atrelados à presença nesse tipo de festejo, é uma forma de balizar as atitudes mantendo assim o respeito que deve ser imbuído para tal. Há também a separação hierárquica que ocorre através de espaços e gestos, símbolos e objetos, como por exemplo, lugares destinados a figuras públicas em uma missa e anéis de formatura, todas estas expressões tem um papel mais legitimador e menos comemorativo.

2.5. O MODO DE NAVEGAÇÃO SOCIAL

Há então como modo de navegação popular brasileiro um jeito consequente de problemas rígidos de normatização das leis, que não respeitam o bom senso, abrindo caminho assim para corrupções nos sistemas burocráticos e sistemas de interação social de modo geral. Em países como Inglaterra e França, segundo o autor, as leis são elaboradas para que não haja meio termo em suas determinações, fazendo com que a prática social, o mundo constitucional e jurídico fiquem em harmonia. Diferentemente do Brasil onde a lei é elaborada para fins

corretivos, o que fortalece a necessidade de saídas alternativas para suprir as necessidades específicas de um conjunto de regras, que não contempla a todos contribuindo para a falta de confiança no sistema. DaMatta (1986) também segue muitos preceitos desenvolvidos por Sergio Buarque de Holanda, que em sua obra “Raízes do Brasil” idealiza com uma imagem liberalista as nações, principalmente os Estados Unidos, como parâmetros de desenvolvimento ideal e grandioso.

Fica então, segundo DaMatta (1986), entre o indivíduo formador das leis universais e entre a pessoa dona das relações sociais, ambos atuando de maneira dialética em cada cidadão, está neste viés a “malandragem”. Descrita como a denominação de um malandro, o profissional do “jeitinho”, há de ter um talento pessoal para lidar com os desdobramentos da lei, criando um panorama de obtenção de vantagem a partir do poder de comunicação interpessoal e até mesmo de vivência. O “jeito” é um modo e um estilo de fazer com que se realize o almejado, fazendo com que o interessado saia de uma situação de necessidade, utilizando artifícios de cordialidade e fatores que o ligam de alguma forma, como parentesco, ao interlocutor. Gilberto Freyre, a partir de sua análise sobre a escravidão e como consequência disso a ligação ao homem cordial, faz com que tais aspectos característicos brasileiros tornem-se parte de um mito nacional, que resultou na própria crença da realidade do brasileiro como um “vira-lata” moderno.

Contrapondo a ideia a frase: “Você sabe com quem está falando?” utiliza um artifício autoritário e conflituoso, que não fazem parte da prática do “jeitinho” que pelo contrário utiliza da simpatia e desenvoltura, quase como em um encontro romântico, que aliás serve de ferramenta para obter sucesso para finalizar tal tarefa. Contudo, apesar da tendência ao cinismo e grosseiro como aponta o autor, o malandro utiliza-se de tais maneiras para sobreviver a instabilidade que se põe através das coisas práticas com o intuito final, mesmo sem saber, de ordem.

Aqui também cabem os argumentos já citados de Souza (2000), que correlaciona os problemas burocráticos como modo de dominação e também o dualismo entre indivíduo e pessoa, determinando a ideia de crítica ao modo estrutural do estudo de DaMatta (1986).

2.6. CAMINHOS PARA DEUS

Por fim em sua obra, DaMatta (1986) referencia que o espaço da casa e da rua são essenciais como já esclarecido para a formação da identidade brasileira assim como o espaço “do outro mundo” que consegue trilhar os caminhos que os brasileiros tem como prioridade, ao tentar entender a complexidade da própria existência a partir dos questionamentos que são normais aos seres humanos, e essa busca de entendimento acontece a partir da ligação com o divino. Tal ligação é abundante na cultura brasileira, trocando a linguagem necessária na casa e na rua é possível comunicar-se com o “alto”, trocando a linguagem informal de interação com seres terrenos e utilizando então uma linguagem formal e respeitosa que é seguida de súplicas, pedidos e rezas. Com o interesse na conversa com Deus ou qualquer divindade que valha, busca-se em uma estrutura social altamente religiosa a obtenção de milagres ou pedidos atendidos, o que abre margem para cantorias, oferendas e até mesmo sacrifícios para se alcançar a graça.

No Brasil com a vasta gama de religiões e cultos é possível identificar, segundo o autor, que apesar de uma pessoa seguir algum preceito ou religião determinada a maior parte da vida, ainda assim, fará parte de outras representações religiosas que estão inclusas nos rituais e tradições brasileiras. Por esse motivo, é fácil observar como as religiões de certo modo se complementam e fazem com que as pessoas interajam com a vida religiosa, de modo a dar mais valor à fé e a sinceridade do ato de adorar em si do que a prisão de seguir um só caminho.

3. CONCLUSÃO

A mensagem que DaMatta (1986) deseja passar com o seu livro é o reforço da figura do homem cordial brasileiro que se ampara nas suas características calorosas que acabam por justificar qualquer “delito” que ele venha a cometer, por estar explicado pelo modo de formação da população brasileira, onde é intrínseco ao indivíduo as características negativas mesmo que por vezes romantizada. Com bases weberianas de ideais de formação nacionais, Sérgio Buarque de Holanda por vezes presente em seu texto, reforça a imagem do corpo atribuído ao brasileiro, o colocando em graus inferiores a outros países como Estados Unidos onde o que prevalece é o espírito e a racionalidade o que faz deles na época representação do ideal. Muito tem dessas afirmações nos parâmetros dispostos por DaMatta (1986), levando de modo ao mesmo tempo poético e trágico o

cotidiano e a realidade do povo, que reconhece seus espaços, justamente por entender sua inferioridade. DaMatta (1986) não reforça divergências sociais porém faz isso com os estereótipos, utiliza o imaginário e a força do que a própria sociedade compreende como identidade para fazer com que seja natural a representação utilizada.

A crítica construída por Souza (2000) tem base na incoerência em sua vista do apoio da ciência social brasileira sobre o mito nacional, que na visão dele não é sozinho o problema mas sim em conjunto com a crença popular em seus preceitos, sendo utilizado assim como senso comum nos estudos científicos. A base desse mito por sua vez é dada de forma descrita por Raymundo Faoro na busca do pensamento político brasileiro, onde conclui que acaba-se por repetir grande parte de um ideal lusitano, ou seja, a influência é portuguesa e em seguida a formação em se dá a partir da miscigenação e a mistura cultural ocorrida no processo de desenvolvimento da população brasileira. Tais concepções reforçam o que já faz parte do conhecimento geral e que é reproduzido de modo coercitivo em todas as representações hierárquicas desde então.

É importante reconhecer então que o mito contribui para uma noção de identidade e reconhecimento nacional, de principalmente interação e sentimento de pertencimento, fazendo parte das tradições, raças, festas e das crenças, acabando por evidenciar a beleza e a peculiaridade do povo brasileiro. Traços que são alimentados nas escolas, no trabalho, ou seja, nas relações de rua e casa, vem até por meio de romancistas que no século XIX já descreviam sua *Iracema*, a devoção e fidelidade de *Peri* e os pretendentes de *Guiomar*. Por outro lado o mito vem de forma agressiva, contrastar toda essa ideia embelezada sobre o brasileiro de uma forma a justificar até mesmo suas mazelas, em um pensamento totalmente tomado por uma ideia quase de um evolucionismo social onde o brasileiro se encontrava na base dessa pirâmide, fazendo parte dos relacionados a natureza humana, no pior e no melhor sentido.

Analisando de modo impassível, quase impossível tendo em vista a criação dentro do mito nacional, segundo Souza (2000), essa forma de lidar com o outro em escalas globais, de fora para dentro do Brasil, é uma forma de dominação. Quando se trata da maneira com que as relações foram dadas e como a ideia foi propagada em escala nacional, pode-se identificar essa característica de vira-lata que Souza utiliza ao se deparar com a competição econômica e social mundial. É possível observar que esse complexo é utilizado como modo de dominação direta e passividade com relação a ações extremas, como a corrupção por exemplo. Tais conceitos fazem com que o brasileiro comum acredite na própria tendenciosidade a corrupção, gerando ao mesmo tempo uma desconfiança e aceitação dessa realidade, como se comparados com outras nações no topo da hierarquia ocidental fossem considerados a escória das nações. Porém o discurso de Souza com relação a historicidade desse pensamento é algo a ser analisado de modo profundo e atencioso.

Portanto, a questão da identidade brasileira não se limita a delimitação de um discurso somente, é a navegação que se pode fazer através das características dadas, é de modo geral não servir como detentores conceituais de experiências que não se podem enxergar na prática. A análise é importante para encontrar a individualidade no corpo social e não negar o que já é intrínseco e concreto, mas também é não aceitar-se no papel de malandro incorrigível por exemplo. A utilização que pode ser feita desses ideais é enorme quando se tem o parâmetro midiático e o poder político, que servem doutrinadores da vida social e particular. Se torna de extrema importância o papel dos estudos das ciências sociais para reaver as antigas concepções, que não devem e nem podem ser destacadas mas merecem uma revisão com um trato de formação independente e particular, que carrega grande carga mítica mas que também se permite a revisões e análises, sempre é claro revisando as composições históricas dos discursos apresentados no presente trabalho, identificando a individualidade e a conjuntura vivida.

REFERÊNCIAS:

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DAMATTA, Roberto. **Ensaio de Antropologia Estrutural**. In: *Você tem cultura?* Petrópolis: Vozes, 1973.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Os usos culturais da cultura: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais**. In: E. Yazigi. (Org.). *Turismo, espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996, v. , p. 88-99.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. (Organizadores); **A invenção das tradições**. Tradução Celina Cardim Cavalcante. – Ed. Especial. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SOUZA, Jessé. **A Modernização Seletiva: Uma Reinterpretação do Dilema Brasileiro**. Brasília: UNB, 2000.

TURNER H., Jonathan. **Sociologia – Conceitos e Aplicações**; Tradução: Márcia Marques Gomes Navas. São Paulo: Makon Books, 2000.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Tradução: Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.